

QUEM ENVELHECE NÃO SE APROXIMA DO FIM

Pedro Vaz Patto

Uma das lições que deveremos retirar da pandemia que recentemente atingiu o mundo inteiro liga-se à redescoberta do valor da vida dos mais velhos. Não é por a vida se aproximar do seu termo que perde valor. Para preservar essa vida, muitos sacrifícios se fizeram e se justificaram durante a pandemia.

Parece que ainda não retirámos todas as consequências dessa lição da pandemia. A legalização da eutanásia e do suicídio assistido vai num sentido contrário ao da valorização da vida na sua fase final. Por outro lado, notícias recentes sobre a proliferação de lares clandestinos e sem condições dignas devem alertar-nos para a grave carência da assistência aos idosos no nosso país. As famílias que os assistem em casa não são apoiadas como seria justo que fossem. Nem todas podem prestar essa assistência e também há idosos sozinhos e sem apoio familiar. Estima-se em cerca de cinquenta mil o número em falta de camas em lares. As instituições de solidariedade social recebem apoios estatais que não acompanham os aumentos de custos e não permitem a justa remuneração dos seus trabalhadores.

Os mais velhos têm sido das principais vítimas daquela "cultura do descarte", muitas vezes denunciada

pelo Papa Francisco. Reafirma ele na encíclica *Fratelli tutti* (n. 19): «Não nos apercebemos de que isolar os idosos e abandoná-los à responsabilidade de outros sem um acompanhamento familiar adequado e amoroso mutila e empobrece a própria família. Além disso, acaba por privar os jovens daquele contacto que lhes é necessário, com as suas raízes e com uma sabedoria que a juventude, sozinha, não pode alcançar».

A propósito desta lição ainda não devidamente aprendida, será oportuno recordar o documento da Academia Pontifícia pela Vida *A Velhice. O Nosso Futuro – A condição dos idosos depois da pandemia*¹.

Sem deixar de reconhecer que tal nem sempre é possível, este documento afirma o dever de criar as melhores condições para que os idosos possam viver esta particular fase da vida no ambiente familiar: «Quem não gostaria de continuar a viver na sua casa, rodeado de afetos das pessoas que lhe são queridas, também quando se torna mais frágil? A família, a casa, o seu ambiente, representam a escolha mais natural para quem quer que seja».

Sobre o valor da vida dos idosos, afirma lapidarmente este documento; «Em qualquer caso, ser idoso é um dom de Deus e um enorme recurso,

uma conquista que deve ser salvaguardada e cuidada, também quando a doença se torna incapacitante e surgem necessidades de assistência integrada e de elevada qualidade». Citando São João Paulo II, o documento liga o valor da velhice ao sentido do destino último da existência humana: «É urgente recuperar a perspectiva correta de consideração da vida no seu conjunto. E a perspectiva correta é a da eternidade, da qual a vida é uma preparação significativa em cada uma das suas fases. Também a velhice tem um seu papel a desempenhar neste processo de progressiva maturação do ser humano a caminho da eternidade. Se a vida é uma peregrinação em direção ao mistério de Deus, a velhice é o tempo em que mais naturalmente se olha para o limiar deste mistério. O homem que envelhece não se aproxima do fim, mas do mistério da eternidade, para o compreender, precisa de se aproximar de Deus e de viver em relação com Ele».

Compreende-se, assim, melhor porque é que nunca deve dizer-se, de si ou de outros, que já não estamos «cá a fazer nada...». ●

¹Ver http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/acdlife/documents/rc_pont-acd_life_doc_20210202_vecchiaia-nostrofuturo_it.html